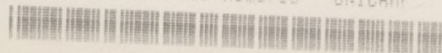


O caso Stradivarius

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE029867

Sr. Redator
"O Estado" de 21/3 publica curiosa notícia da sucursal de Campinas sobre um suposto "Stradivarius", que na realidade "não passa de uma cópia" do valioso violino.

Não é a primeira vez que esse prestigioso jornal dá guarida à matéria. Assim, em 21/7/74, outro correspondente noticiou que teria sido "Descoberto em Cuiabá provável Stradivarius", depositado sob custódia no cofre-forte de uma agência bancária local. A notícia informava tratar-se de "um violino muito antigo", trazendo no interior de sua caixa a inscrição: "Antonius Stradivarius Cremonensis Faciebat Anno 1728", acrescentando que "tudo leva a crer que a peça seja autêntica".

A notícia atual é mais correta, pois informa que o violino, cujo proprietário toma "exagerados cuidados" com sua segurança, não passa de "uma réplica aproximada" "da notável produção do trabalho de Antonius Stradivarius Cremonensis" — dizeres que indicam tratar-se de um instrumento idêntico ao de Cuiabá, tendo em seu interior inscrição igual ou semelhante (talvez diferindo apenas quanto ao ano em que era fabricado o original).

Para chegar à conclusão de que o pretenso "Stradivarius" não é autêntico, os jornalistas de Campinas limitaram-se a um "exame superficial", considerando desnecessária uma "análise de perito". Realmente, embora a notícia não se refira a isso, basta conhecer um pouco o Latim para se verificar que o instrumento constitui uma simples imitação (dificilmente um "fac-simile") do notável violino italiano.

Convém lembrar que Antonius Stradivarius, ou Antonio Stradivari na forma não-latiniçada, foi um famoso fabricante de violinos. Nascido em Cremona, Itália, em 1643 ou 1644, ali veio a falecer em 18/12/1737. Sua habilidade se tornou proverbial. Produziu os primeiros instrumentos entre 1670 e 1685, mas foi de 1690 a 1725 que confeccionou verdadeiros modelos de perfeição, decaindo daí em diante por causa da velhice.

Há muitos anos, possui um instrumento, de que depois me desfiz, idêntico aos mencionados nas notícias em foco (antecedidas de outra, que não recor-

tei). Era um violino alemão, adquirido novo na Casa Bevilacqua, à rua Direita, e continha no

interior de sua caixa aqueles mesmos dizeres: "Antonius Stradivarius Cremonensis Faciebat Anno 17.." (não estou certo do ano). Traduzindo para o vernáculo: "Antonio Stradivari Cremonense" (isto é, de Cremona) "fazia no Anno de 17..".

"Faciebat" significa "fazia"; se o instrumento fosse ou pretendesse ser um legítimo "Stradivarius", a inscrição seria "fecit" (fez). Assim, basta traduzir as palavras contidas no interior do violino para concluir que se trata, quando muito, de uma cópia ou imitação dos fabricados pelo inextinguível mestre de Cremona (caso não se trate do chamado "dolo tolerado", destinado a mera propaganda comercial).

Embora de interesse limitado, a divulgação do assunto poderá ser útil para evitar confusões e a conseqüente "descoberta" de outros violinos idênticos, originando ilusões e esperanças infundadas.

Paulo Penteado de Faria e Silva,
Capital

Sr. Redator

Li atentamente a reportagem intitulada: "Stradivarius" não passa de uma cópia, na edição de 21/3. Fiquei impressionado com o persistente interesse do seu grande jornal a propósito do achado de um possível Stradivarius, em Valinhos, nas imediações dessa capital, deslocando o seu prestigioso órgão de opinião a sua sucursal de Campinas, a fim de produzir o informe que nos traz até o Rio de Janeiro.

Não entrarei no mérito de saber se o violino em questão é Stradivarius ou não. A resposta é sempre complexa, por vezes duvidosa, seja quanto ao tratar-se de um Stradivarius autêntico, seja ao tratar-se de uma cópia. Existem cópias valiosas, como por exemplo as de Carlos Bergonzi, aluno de Stradivarius. Todavia, jamais alguém vendeu no mundo inteiro um Stradivarius pelo tão elevado preço de quatro milhões de dólares. Trata-se, realmente, de um anúncio bem extravagante.

O preço de fantasia por que se vendem os Stradivarius autênticos, por algumas firmas americanas, inglesas, francesas, alemãs ou suíças, até hoje atingiram, quando muito, cem mil dólares, para os melhores exemplares conhecidos. Todavia, trata-se de Stradivarius autêntica-

dos. Alguns não têm sequer o Histórico-Genealógico, isto é, sua vida artística, da produção ao mercado de venda, ou, das mãos do Mestre de Cremona ao comprador atual. Seriam 250 anos de histórico.

Quase todos esses Stradivarius que andam pelo mercado internacional, vendidos ao preço de fantasia que varia de 30 mil a 100 mil dólares, não passam, na verdade, de cópias, algumas até vis. São instrumentos autenticados por comerciantes internacionais bem conhecidos, muitos de tradição exemplar, mas existem os que se envolvem com a polícia como o famoso expert suíço que por ocasião do bicentenário da morte de Stradivarius, em 1937, em Cremona, Itália, autenticou mais de uma dezena de violinos, que souberam mais tarde os compradores que se tratava de simples cópias, gerando reclamações em Zurique, tendo então a Câmara de Comércio daquela cidade helvética armado um laboratório de perícias de violinos em colaboração com a polícia local. O tal famoso expert suíço teria sido condenado a dois anos de prisão.

O Brasil possui os melhores exemplares de violinos do mundo inteiro, porque felizmente aqui não tivemos guerra total, as quais destroem os instrumentos com incêndios e bombardeios. Pelo contrário, no Brasil, na I Guerra Mundial, se esconderam muitos violinos notáveis e que daqui não saíram. Não existem somente três Stradivarius no País; existem muitos mais. E existem exemplares de outros famosos autores italianos, ingleses, alemães, franceses, americanos e tchecos.

No Brasil lida-se com Stradivarius há mais de 150 anos. D. Pedro II presenteou com um a José White, uns dizem que brasileiro, outros que cubano, violinista da Capela Imperial. Teria sido adquirido em Paris, possivelmente numa das viagens do Imperador em companhia do meu primo-bisavô: o barão de Nogueira da Gama.

O instrumento, hoje, faz parte, segundo dizem, de uma coleção de instrumentos de Stradivarius (um quarteto), doado por uma senhora americana à Biblioteca do Congresso. Fernando Monteiro Campos, Rio